

**BUSCA****CORREIO****DADOS ECONÔMICOS****DOWNLOAD****e&e ANTERIORES**

e&e No 31

Balanco Energético e de Emissões**Página Principal****Balanco Energético e de Emissões****Álcool X MTBE****A nova Utopia****Dívida Pública e****Reservas do Brasil**<http://ecen.com>**Vínculos e&e****Matriz Energética e de****Emissões****Download****Balanco Energético****1970/2000****Balanco Energético e de****Emissões****Matriz Energética e de****Emissões****Relatório Fina****Resumo Executivo**

A política energética e o controle das emissões causadoras do efeito estufa só podem ser efetivos se estão disponíveis os dados históricos que permitam conhecer a realidade existente, identificar tendências e planejar mudanças. O trabalho apresentado pela **e&e** reúne os dados do BEN 1970 a 2000 em um programa na linguagem "Visual-Basic sobre planilhas "Excel" que permitem recuperar gráficos e planilhas em diferentes apresentações, por ano, setor ou energético.

Para "Download"

[Balanco de Energia e Emissões Associadas
BENEMIS 1970/2000 570 KB](#)

[Balanco Energético 1970/2000 ben_e 205 KB](#)

Álcool X MTBE

A necessidade mundial de criar alternativas para a redução no consumo dos combustíveis derivados do petróleo levou à utilização "conjunta" de produtos oxigenados, como os álcoois e éteres, na gasolina automotiva. Dentre os éteres, o MTBE e seus similares foram os que mais se destacaram, apresentando importantes aplicações no mercado internacional a partir da década de 1980, como "aumentador" de octanagem e oxigenador da gasolina. Marcado pela obrigatoriedade na adição de etanol combustível na gasolina, o Brasil não tornou possível o estabelecimento de um mercado competitivo entre os dois oxigenados. Situação diversa daquela encontrada no mercado norte-americano, onde a autonomia dos diversos Estados-membros permitiu uma acirrada concorrência entre os grupos responsáveis pelo fornecimento dos dois produtos. Discute-se a participação do Brasil nesses mercados

Graphic Edition/Edição Gráfica:

MAK
Editoração Eletrônica

Revised/Revisado:
Sunday, 28 August 2005

1 0 6 2


[SEARCH](#)
[MAIL](#)
[Data](#)
[DOWNLOAD](#)
[other e&e issues](#)
[e&e No 31](#)

Energy and Emissions Balance

The energy policy and the control of emissions causing the greenhouse effect can be effective only with the availability of historical values that permit to learn the existing reality, identify trends and plan changes. The work presented by **e&e** gathers data from BEN 1970 to 200 in a Visual – Basic language on Excel worksheets that permit the retrieving of graphics and worksheets in different presentations, by year, by sector or by fuel.

For "Download"

Energy Balance and Associated Emissions

[BENEMIS 1970/2000 570 KB](#)

[Energy Balance 1970/2000 ben e 205 KB](#)

[Main Page](#)
[Energy and Emissions Balance](#)
[Alcohol xMTBE](#)
[Resume Growing Public Debt and Reserves in Brazil](#)
<http://ecen.com>
[e&e Links](#)
[Energy and Emissions Matrix](#)
[Download Energy Balance 1970/2000](#)
[Energy and Emissions Balance](#)
[Energy and Emissions Matrix](#)
[Final Report](#)
[Executive Summary](#)

Alcohol X MTBE

The world need for creating alternatives regarding the reduction of petroleum products consumption lead to the "joint" use of oxygenated products such as alcohol and ether in driving gasoline. Among the ethers, MBTE and its similar products are those that are outstanding, having important applications in the international market from 1980 on, such as octane "magnifier" and the infusion of oxygen into gasoline. Characterized by the mandatory addition of ethanol fuel to gasoline, Brazil made possible the establishment of a competitive market between the two oxygenated products. A situation different from that found in the North American market where the autonomy of the different member states permitted the fierce competition among the groups responsible for the supply of both products. The participation of Brazil in these markets is discussed.

Graphic Edition/Edição Gráfica:

MAK
Editoração Eletrônica

Revised/Revisado:
Sunday, 28 August 2005

3 5 6



BUSCA

CORREIO

DADOS ECONÔMICOS

DOWNLOAD

e&e ANTERIORES

e&e No 31

Balanço Energético e de Emissões

[Página Principal](#)
[Balanço Energético e de Emissões](#)
[Álcool X MTBE](#)
[A nova Utopia](#)

[Dívida Pública e Reservas do Brasil](#)

<http://ecen.com>

[Vínculos e&e](#)
[Matriz Energética e de Emissões](#)
[Download](#)
[Balanço Energético 1970/2000](#)
[Balanço Energético e de Emissões](#)
[Matriz Energética e de Emissões](#)
[Relatório Final](#)
[Resumo Executivo](#)

A política energética e o controle das emissões causadoras do efeito estufa só podem ser efetivos se estão disponíveis os dados históricos que permitam conhecer a realidade existente, identificar tendências e planejar mudanças. O Balanço Energético BEN editado pelo Ministério das Minas e Energia - MME sempre foi um instrumento indispensável para quem trabalha em energia. As constantes mudanças na área energética daquele Ministério retardaram consideravelmente a edição do BEN 2001 (relativo ao ano 2000) cujos dados, ainda preliminares, estão sendo revistos. O trabalho apresentado pela e&e reúne os dados do BEN 1970 a 2000 em um programa na linguagem "Visual-Basic sobre planilhas "Excel" que permitem recuperar gráficos e planilhas em diferentes apresentações, por ano, setor ou energético.

O Programa BENEMIS usa os dados das planilhas anuais do BEN, denominadas Anexos, que consolidam, para cada ano, o balanço de produção, transformação e uso de energia para o Brasil e de coeficientes de emissões, fornecidos pela pesquisadora Branca Americana da equipe que elabora o inventário brasileiro dos gases causadores do efeito estufa. Estes coeficientes baseiam-se em recomendações internacionais e dados recolhidos para o Brasil e consideram, quando disponíveis as peculiaridades brasileiras no uso, produção e transformação de energéticos entre os anos de 1990 e 1997. Os coeficientes do ano de 1990 e 1997 são usados, respectivamente, para os anos anteriores e posteriores do período.

Os dados energéticos são os do BEN/MME de 1970 a 1999. Os valores para o ano 2000 e a revisão para o ano de 1999 correspondem à comunicação individual de João Antonio Moreira Patusco responsável, até recentemente, pela elaboração do BEN.

O Programa

Estão armazenados no Programa os Anexos do BEN as planilhas que representa em tonelada equivalente de petróleo para cada ano. Nessas Planilhas estão apresentadas, para energéticos primários e secundários (colunas) os seguintes dados correspondentes ao energético em "contas"

Dados da Oferta Interna Bruta: Produção, Importação, Exportação, Variação de Estoques, etc

Dados de Transformação por tipo: Refinaria, Plantas de Gás Natural, Centrais Elétricas, etc.;

Dados Relativos ao Consumo: Não Energético e Energético por Setores Econômicos e algumas atividades

Perdas e Ajustes

A Figura 1 Ilustra o esquema adotado no qual, para facilitar a compreensão, nos referimos as contas como setores.

BENEMIS: Dados Energéticos

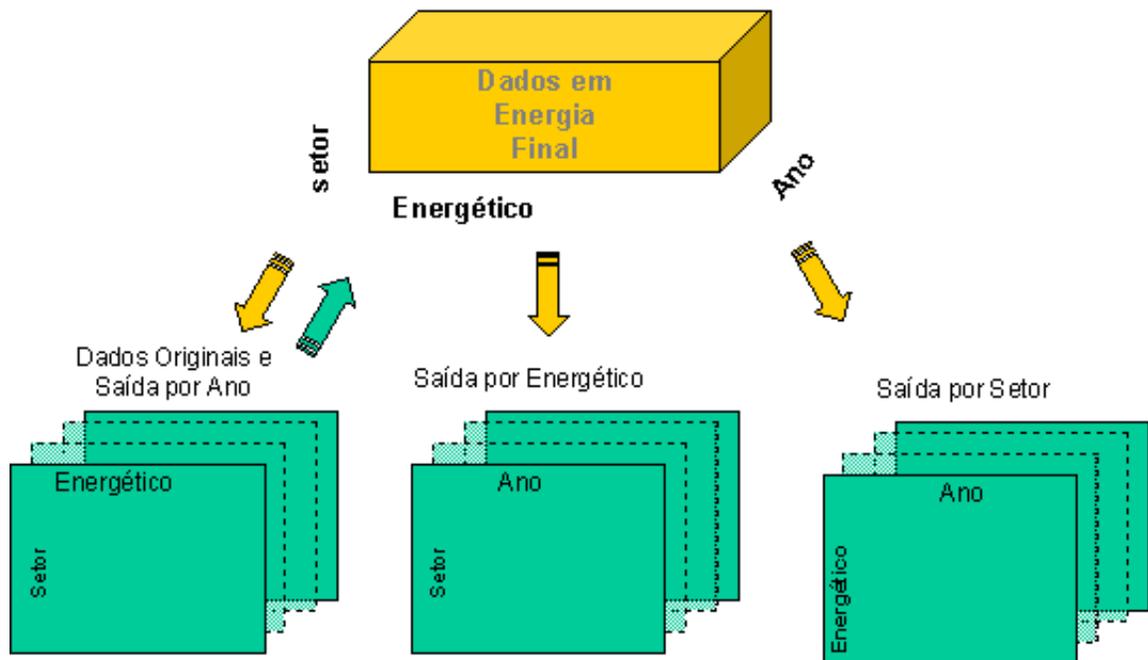
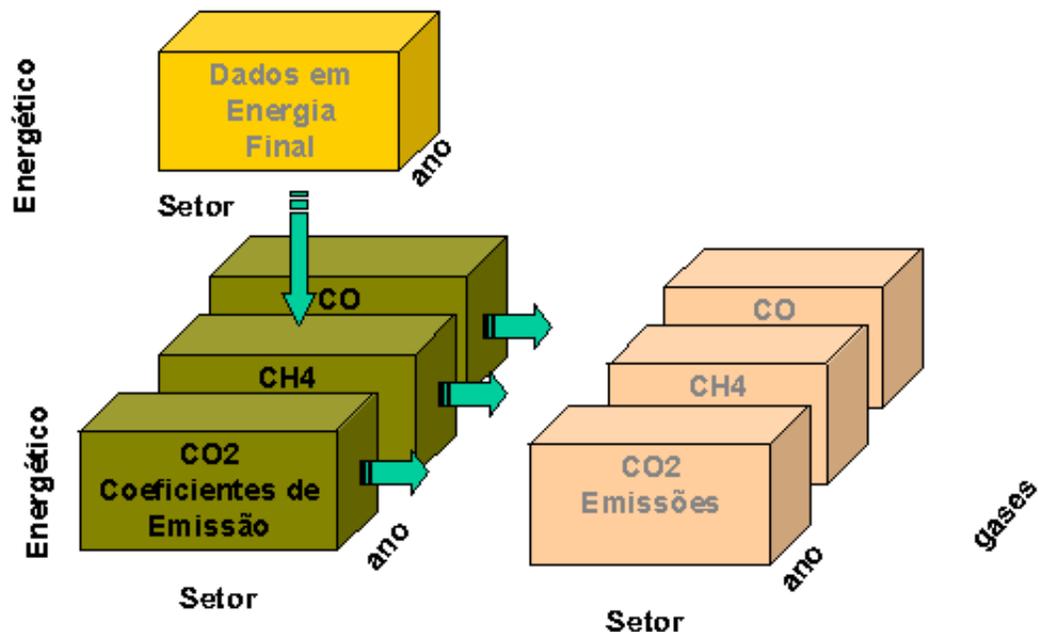


Figura 1: Os dados do BEN/MME (Anexos) dos anos disponíveis são usados para construir uma matriz de três dimensões (energético, conta ou setor e ano). As saídas bidimensionais são obtidas da original.

Os valores energéticos são expressos em tonelada equivalente de petróleo (tEP). Os coeficientes são apresentados toneladas de gás por tEP ou equivalente. O Esquema da Figura 2 Ilustra a metodologia.

Balanco de Emissões : Metodologia



Usando o Programa

A operação do programa é simples. Ele funciona como uma planilha Excel com macros escritas em Visual Basic. Pode ser baixado da Internet e instalado em qualquer diretório, depois de descompactado. As macros devem ser ativadas.

Na página Inicial botões permitem visualizar os dados energéticos ou de Emissões por ano, Energético ou Setor (Figura 3)

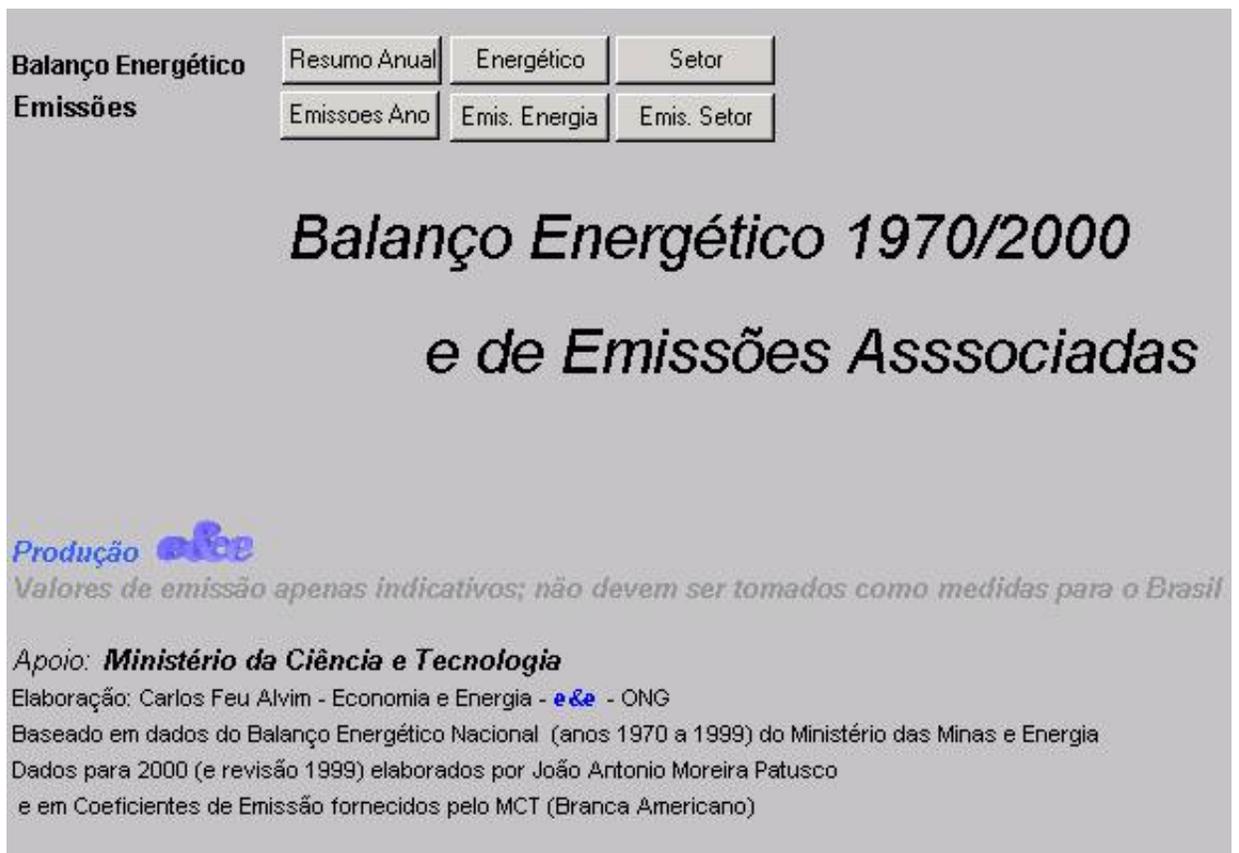


Figura 3: Página Inicial do programa

Em todas as planilhas existe o botão atualizar dados que carrega a matriz tridimensional na memória do computador. A operação leva alguns minutos e depende do computador (alguns segundos em computadores mais rápidos) e só necessita ser realizada uma vez por sessão (Figura 4)



Figura 4: Aciõne Atualizar somente uma vez por sessão

Escolha, em seguida o ano, conta ou energético conforme o caso (Figura 5)

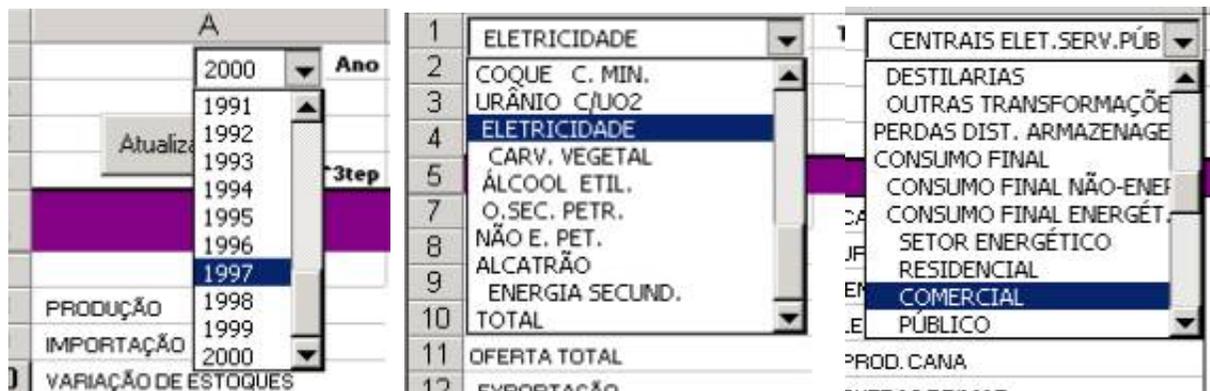


Figura 5: Em cada planilha pode-se escolher as variáveis que se deseja visualizar.

O Programa gera, ainda, gráficos relativos às variáveis mostradas. Os gráficos estão representados à direita da planilha respectiva e podem ser acessados através de vínculos como os indicados na Figura 6. Também são mostrados os vínculos às tabelas de emissões e à capa inicial.



Figura 6: Vínculos correspondentes aos acessos às planilhas de emissões e aos gráficos

Na Figura 7 mostramos um exemplo das figuras geradas. Para aproveitamento da mesma "máscara" os gráficos estão preparados para as diferentes variáveis representadas mas somente são mostrados na legenda os nomes correspondentes à variáveis não nulas. Também está indicado, em cor diferente, o nome do setor, ano ou energético em questão.

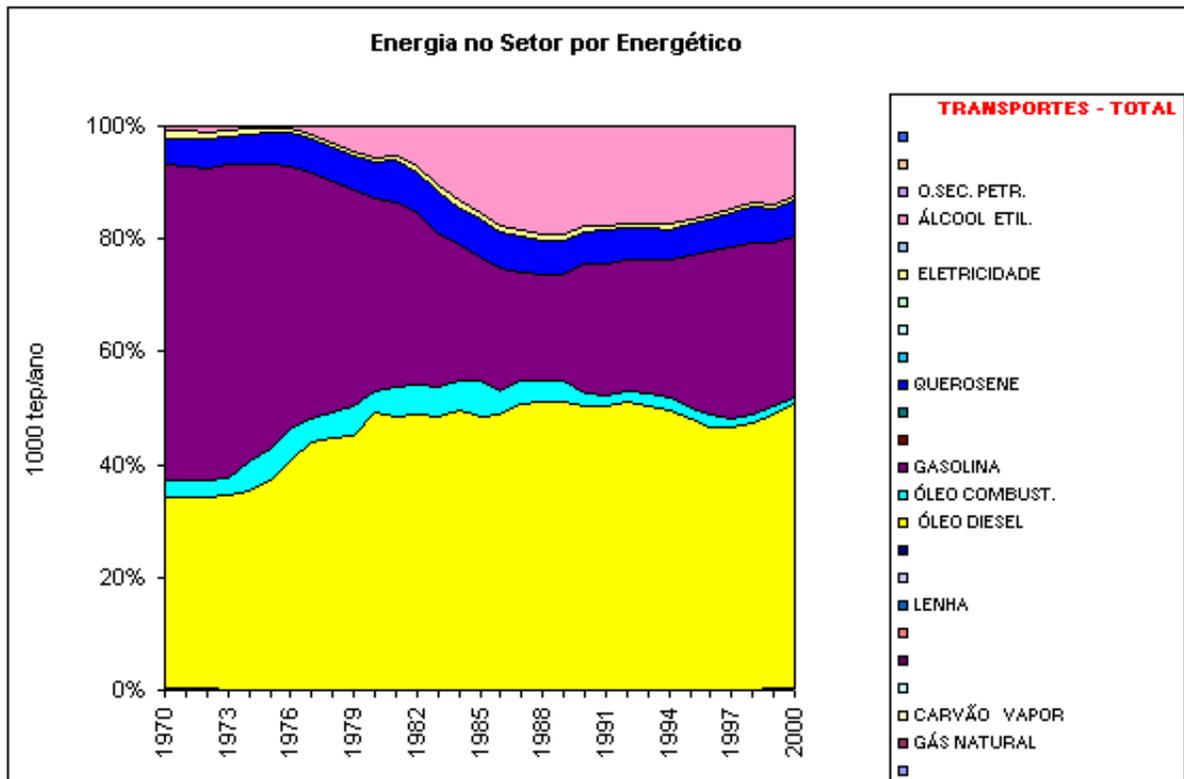


Figura 7: Exemplo de figuras construídas pelo programa. No caso o Setor correspondente é destacado em vermelho. As cores usadas para os diferentes energéticos são as mesmas para qualquer setor mas na legenda só constam o nome das efetivamente utilizadas no período.

Quadros semelhantes aos gerados para os dados energéticos, mostrando as outras duas variáveis, são apresentados por ano, setor (conta) ou energético para a emissão de gases vinculados ao efeito estufa.

No exemplo da Figura 8 é mostrado o quadro de emissões anuais atribuíveis ao uso de energia no Setor Transportes Total (Rodoviário + Ferroviário + Aéreo + Hidroviário). Acionando-se CH4, como indicado, teríamos as emissões de metano.

A		B	C	D	E	F	G	H	I
TRANSPORTES - TOTAL		Tabela ES: 29	Emissões CO2					CO2	
Atualizar Dados		TRANSPORTES - TOTAL		Energia	Capa		Gráfico	CO2	
Gg/ano								CH4	
CO2		1970	1971	1972	1973	1974	1975	1	7
PETRÓLEO		-	-	-	-	-	-	-	-
GÁS NATURAL		-	-	-	-	-	-	-	-
CARVÃO VAPOR		63,7	63,7	43,8	8,0	31,9	39,8	51,8	63,7
CARVÃO MET.		-	-	-	-	-	-	-	-
URÂNIO U308		-	-	-	-	-	-	-	-
EN. HIDRAUL.		-	-	-	-	-	-	-	-
LENHA		135,2	118,8	106,5	98,3	65,6	28,7	12,3	12,3
PROD. CANA		-	-	-	-	-	-	-	-
OUTRAS PRIMAR		-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL PRIMAR		196,9	182,5	150,3	106,3	97,4	68,5	64,1	76,0
ÓLEO DIESEL		13.856,1	15.109,8	17.119,3	20.215,6	22.637,9	25.387,7	29.564,3	31.807,0
ÓLEO COMBUST.		1.000,2	1.194,3	1.464,1	1.905,0	3.619,2	3.921,9	4.267,4	3.043,4
GASOLINA		21.378,4	23.264,6	26.058,4	30.561,6	31.666,8	32.350,6	32.005,7	29.615,6
GLP		-	-	-	-	-	-	-	-
NAFTA		-	-	-	-	-	-	-	-
QUEROSENE		1.882,2	2.189,3	2.490,3	2.937,3	3.429,9	3.697,5	4.117,1	4.220,5

Figura 8: Exemplo de planilha de emissões no caso de gás carbônico no transporte. Mostra-se também o processo de escolha do gás a ser mostrado.

Na Figura 9, mostramos um exemplo de gráfico de emissões. São disponíveis dois tipos de gráficos. O adequado a CO e CO2 mostra a emissão correspondente a esses gases de forma "vazada", no caso do álcool e da lenha (se visível), para assinalar as emissões de matéria orgânica renovável. Deve-se usar o gráfico "cheio" para outros gases cuja emissão não é diretamente compensada pela absorção do Carbono pela biomassa. Na Figura 11 mostramos o gráfico, para o mesmo setor, correspondente à emissão de CH4 (metano) em percentual de participação por energético. Nesse caso deve-se usar o gráfico "cheio" já que a emissão de metano não é diretamente compensada no processo de produção da biomassa.

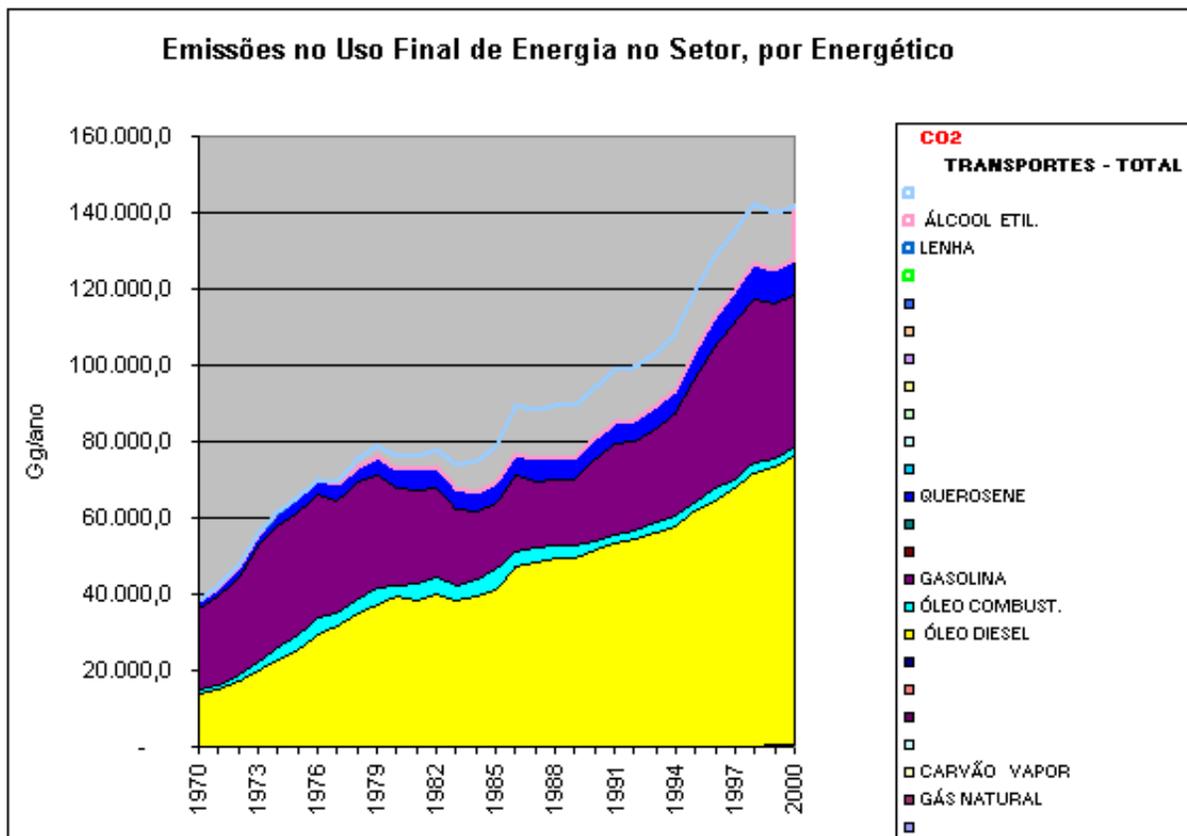


Figura 9: Gráfico de emissão de CO2 nos energéticos em uso no transporte. A representação "vazada" para biomassa é usada para assinalar que a emissão de CO2 não deve ser contabilizada.

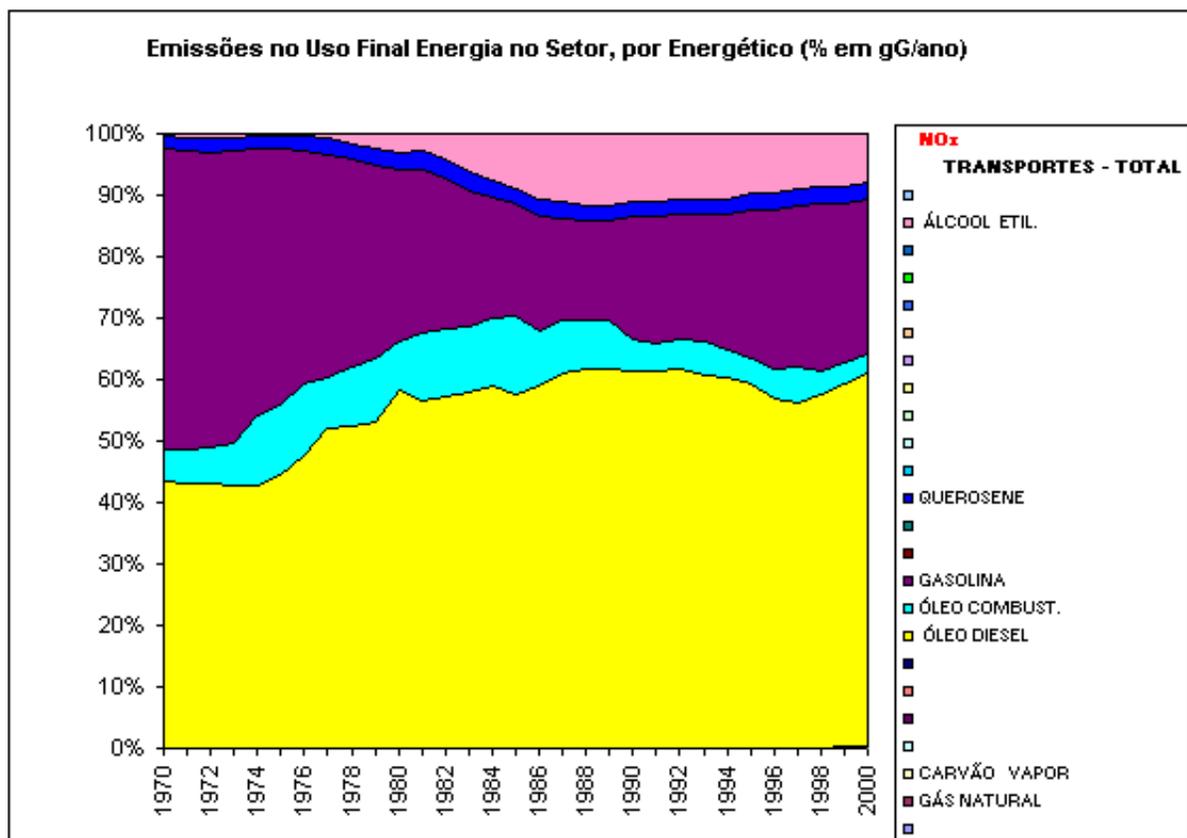


Figura 9: Gráfico de participação, por energético usado, da emissão de NOx no Setor Transporte.

["Download"](#)

O programa está disponível para os leitores da **e&e** para "download"

[Balanço de Energia e Emissões associadas BENEMIS 1970/2000](#) 570 KB

[Texto explicativo BENEMIS](#)

Também está disponível para "Download" um programa semelhante contendo somente os dados energéticos.

[Balanço Energético 1970/2000 ben_e](#) 205 KB

Graphic Edition/Edição Gráfica:

MAK
Editoração Eletrônica

Revised/Revisado:
Sunday, 28 August 2005

2 2 1 5



BUSCA

CORREIO

DADOS ECONÔMICOS

DOWNLOAD

e&e ANTERIORES

e&e No 31

A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NOS MOVIMENTOS INTERNACIONAIS DE OPOSIÇÃO AO MTBE

Página Principal
Balço Energético e de
Emissões
Álcool X MTBE

Dívida Pública e
Reservas do Brasil

<http://ecen.com>

Vínculos e&e
Matriz Energética e de
Emissões
Download
Balço Energético
1970/2000
Balço Energético e de
Emissões
Matriz Energética e de
Emissões
Relatório Final
Resumo Executivo

Adailson da Silva Santos
Mestrando no Programa de Pós-Graduação
da Escola de Química/ UFRJ - Rio de Janeiro.

adailson@mail.eq.ufrj.br
adsantos99@hotmail.com

A necessidade mundial de criar alternativas para a redução no consumo dos combustíveis derivados do petróleo levou à utilização "conjunta" de produtos oxigenados, como os álcoois e éteres, na gasolina automotiva [01].

Dentre os éteres, o MTBE (vide quadro abaixo) e seus similares foram os que mais se destacaram, apresentando importantes aplicações no mercado internacional a partir da década de 1980, como "aumentador" de octanagem e oxigenador da gasolina [02].

Marcado pela obrigatoriedade na adição de etanol combustível na gasolina, o Brasil não tornou possível o estabelecimento de um mercado competitivo entre os dois oxigenados. Situação diversa daquela encontrada no mercado norte-americano, onde a autonomia dos diversos Estados-membros permitiu uma acirrada concorrência entre os grupos responsáveis pelo fornecimento dos dois produtos: companhias petrolíferas fabricantes de MTBE versus os grandes fazendeiros do meio oeste, fabricantes de etanol [03].

Apesar disso, a PETROBRAS, em decorrência da séria crise de abastecimento, a partir de 1993, promoveu a implantação de unidades de MTBE, a contragosto dos produtores de álcool, em território nacional: REVAP, REDUC, REPLAN e REPAR, além de unidades de produção nas petroquímicas COPENE (Companhia Petroquímica do Nordeste) e COPESUL (Companhia Petroquímica do Sul). Obteve-se assim uma produção equivalente a 400 milhões de litros/ano de álcool anidro contra os 14 bilhões registrados para o álcool etílico obtido da cana-de-açúcar [04].

O MTBE encontrou aplicação exclusiva em algumas experiências paulistas e, principalmente, na malha rodoviária da cidade de Porto Alegre. Esta última devido à maior proximidade ao pólo produtor do éter, do que os pólos produtores de etanol.

As informações divulgadas pela CETESB (Companhia de Tecnologia Ambiental do Estado de São Paulo) e pela ABEA (Associação Brasileira de Energia Automotiva) [04] mostraram que, apesar da redução na emissão de óxidos de nitrogênio (responsáveis pelas chuvas ácidas e o "smog" fotoquímico), o MTBE era responsável pelo elevado desgaste nas peças internas dos motores e, quando liberado dos escapamentos e submetido a reações fotoquímicas promovidas pelos raios solares, acabava transformando-se em sub-produtos

agressivos ao organismo humano.

Ao longo destes anos, registraram-se diversas ocorrências questionando a validade na utilização do MTBE e produtos afins, como co-combustível da gasolina. Em primeiro lugar está a afirmação de Daniel S. Greenbaum (vide quadro 02 abaixo), presente no Relatório Anual da EPA (Agência Norte-americana para a Proteção Ambiental) para o ano de 1999, para quem a questão do MTBE era, de longe, de cunho ambiental, enfatizando o grande número de registros de contaminação de lençóis freáticos, confirmado em todo o território norte-americano [05]; em segundo estão os casos de agressão ao organismo humano - como os verificados em alguns municípios do estado norte-americano do Alasca onde, no inverno de 1992, a população local impetrou ações judiciais contra a adição de MTBE na gasolina, responsável por prejudicar o funcionamento do sistema nervoso, causando dor de cabeça, náuseas, dificuldade na respiração, irritação nasal e nos olhos, desorientação e erupções na pele (situação semelhante àquela recentemente encontrada na região metropolitana de Porto Alegre) e em último está a "acusação", por parte do corpo médico internacional, de ser o éter agente potencialmente cancerígeno aos seres humanos [01].

O primeiro grande resultado daquele questionamento foi o repúdio ao uso do MTBE no Estado da Califórnia (que tradicionalmente lidera as ações ambientais nos Estados Unidos), em maio de 1999. Seguiu-se a recomendação da EPA, em agosto do mesmo ano [06], para a eliminação gradual, porém a curto prazo (até 4 anos), do uso na gasolina em todo o país. Em consequência, as companhias mono-produtoras do mesmo buscaram respostas rápidas no aproveitamento das unidades para a produção de outros aditivos melhoradores de octanagem, como o isooctano [06].

Estas medidas foram reforçadas pela atitude do ex-presidente norte-americano Bill Clinton em solicitar ao Congresso, em janeiro de 2000, o apoio para novos mercados para combustíveis limpos e renováveis. Enfatizou-se a importância do álcool etílico como o mais correto oxigenado a ser adicionado à gasolina, para reduzir a poluição do ar, combater o efeito estufa e desenvolver a agroindústria [07].

Os EUA e a Tailândia eram responsáveis por 60% de todo o mercado mundial de MTBE [08]. Ambos, também, eram líderes em investimento e ampliação de unidades. Mesmo assim, decidiram mudar a cadeia produtiva dos aditivos para gasolina, optando pela cadeia "verde" do álcool etílico automotivo, a partir da cana-de-açúcar.

Antecipando as decisões norte-americanas, em fevereiro de 1999, a ANP (Agência Nacional do Petróleo) já havia proibido a comercialização da mistura MTBE/gasolina (conhecida como gasolina B [09]) em todo o território nacional. Esta decisão gerou um momentâneo conflito de jurisdições entre o Estado do Rio Grande do Sul (favorável à continuidade no uso do MTBE devido à questão logística e às arrecadações provenientes da comercialização) e a ANP (âmbito federal). Por último, acabou prevalecendo a jurisdição federal [10].

Embora a antecipação da ANP deva, em muito, ser elogiada, a parcialidade da sua decisão gera um novo problema, porque apenas a comercialização fora proibida, mas não a produção. Qual seria então o destino para esta última? A resposta foi encontrada nas exportações, pois todo o éter produzido aqui tem sido vendido para outros países, com especial destaque à Argentina [09]. Com isto, o Mercosul deixa de alinhar-se às iniciativas

globais.

Sem dúvida alguma, a questão ambiental é o "carro-chefe" do processo de valorização do etanol, devendo-se acompanhar os novos interesses e viabilizar a alternativa renovável ao derivado do petróleo [02].

A transferência dos investimentos norte-americanos e tailandeses da cadeia do MTBE para a cadeia do álcool será responsável pela mudança no market-share do setor. Se o Brasil puser de lado a importância na atualização de seus investimentos agro-industriais (por, novamente, achar que o paradigma agrícola é o responsável pelo atraso do país), vamos deixar de integrar o grupo privilegiado dos tomadores de decisão para, mais uma vez, ficarmos no "final da fila".

<p>QUADRO 01: MTBE - também conhecido como éter metílico terc-butílico; similares: ETBE - éter etílico terc-butílico e TAME - éter metílico terc-amílico.</p>	<p>QUADRO 02: Daniel S. Greenbaum é o presidente do "Health Effects Institute", uma ONG (Organização Não-Governamental) ligada à EPA [05].</p>
--	---

Referências Bibliográficas:

- 01 SILVA SANTOS, A. da. Adição de compostos oxigenados a motores do ciclo OTTO e DIESEL. Projeto final de curso. Escola de Química, UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.
- 02 SILVA SANTOS, A., GIANNINI, R. G., MURTA VALLE, M. L. Adição de Compostos Oxigenados na gasolina e a experiência do Proálcool. Revista Economia & Energia, No 19, edição Março-Abril de 2000 (Disponível na URL - <http://www.ecen.com/eee19/composxi.htm>).
- 03 PINAZZA, L. A., ALIMANDRO, R. Edição Especial: A Era da Emancipação. Revista Agroanalysis. Vol. 20. No 03. 15 de março de 2000. p17.
- 04 CARVALHO, L. C. C. Edição Especial: A Era da Emancipação. Revista Agroanalysis. Vol. 20. No 03. 15 de março de 2000. p41-45.
- 05 GRISHAM, J. News of the week: Cutting Back MTBE. Revista Chemical & Engineering News. Vol. 77. No 31. 2 de agosto de 1999. p5.
- 06 McCOY, M. News of the week: Cutting Back MTBE. Revista Chemical & Engineering News. Vol. 77. No 31. 2 de agosto de 1999. p5-6.
- 07 SZWARC, A. Edição Especial: A Era da Emancipação. Revista Agroanalysis. Vol. 20. No 03. 15 de março de 2000. p49-50.
- 08 Governo zera alíquota de importação de álcool. Jornal do Comércio. 28 de novembro de 2000. p-A4.
- 09 BUENO, S. Petrobras proíbe COPESUL de importar nafta este ano. Jornal Gazeta Mercantil. 28 de novembro de 2000. p-RGS3.
- 10 GUIMARÃES, L., CAPERAL, A. COPESUL amplia vendas externas.

Jornal Gazeta Mercantil. 24 de novembro de 2000. p-RGS3.

Graphic Edition/Edição Gráfica:

MAK
Editoração Eletrônica

Revised/Revisado:
Sunday, 28 August 2005

3 2 5 1



BUSCA

CORREIO

DADOS ECONÔMICOS

DOWNLOAD

e&e ANTERIORES

e&e No 31

A NOVA UTOPIA

Página Principal
Balanco Energético e de Emissões
Álcool X MTBE
A nova Utopia

Carlos Feu Alvim
 feu@ecen.com

Dívida Pública e Reservas do Brasil

<http://ecen.com>

Vínculos e&e
Matriz Energética e de Emissões
Download
Balanco Energético 1970/2000
Balanco Energético e de Emissões
Matriz Energética e de Emissões
Relatório Final
Resumo Executivo

Nossa geração (os nascidos nos anos 40) cresceu na ilusão de que estava mudando o mundo. Os caminhos que seguíamos eram diversos e nem sempre convergentes mas todos (ou boa parte) tínhamos um ideal e perseguíamos uma utopia de um país melhor em um mundo mais livre, mais justo, mais solidário e mais humano.

Não tardou percebermos que a alegria dos tempos JK não eram um fato natural da vida. Mas a loucura do Jânio, os desencontros do Jango e a noite do regime militar não apagaram a esperança já que, apesar dos pesares, o Brasil crescia e se modificava. Ainda a década perdida de oitenta foi de voluntariosa reação contra a adversidade onde o País reagia à crise enfrentando o desafio (para ficar na área energética) de produzir petróleo em águas profundas, no esforço pioneiro do álcool, de construir Itaipu e de enriquecer o urânio e também de reconstruir a democracia.

Os anos noventa foram os do “laissez faire” do neoliberalismo e, paradoxalmente, do neointervencionismo na moeda, no câmbio, nos juros. Anos do não planejar, de destruição da capacidade do Governo de intervir nas políticas industrial, educacional e de desenvolvimento. Como havia que exercer o poder, auxiliava-se o mercado com brutais intervenções nas variáveis financeiras cujas conseqüências de médio e longo prazo nunca eram nem são corretamente avaliadas.

O deus mercado resolveria tudo, o investimento externo substituiria a poupança interna, a modernidade eliminaria o atraso, a abertura nos tiraria do subdesenvolvimento. A concorrência nos tornaria competitivos. As crianças teriam direito de escolher entre a escola e a rua, protegidas pelo novo estatuto da criança e do adolescente e assistidas por ONGs. Parcerias com a iniciativa privada resolveriam problemas que o governo não conseguia resolver.

Os empresários retrógrados brasileiros seriam obrigados a se virar sem a proteção do Estado e até sob brutais intervenções no câmbio e nos juros. em compensação, eles estariam livres dos “excessivos” direitos dos trabalhadores

e reformas estruturais aliviarão a carga tributária. Salvo as “carreiras de estado” seria destruída a função pública e revogados os privilégios dos servidores[1].

Menos governo era o lema, Planos e Políticas Setoriais: coisa do passado. As privatizações trariam melhores serviços e menores tarifas. Reações contra a destruição de capacidade nacional de produzir, contra o desmonte de empresas eficientes (embora estatais) e contra a deterioração de centros de excelência eram apenas reações corporativistas. Foi decretado o fim das ideologias e de certa forma, das nações.

As coisas não deram certo? Deve-se aprofundar as reformas. As reformas conduziram a resultados desastrosos? Elas foram feitas com irresponsabilidade e houve muita corrupção. As tarifas subiram e os serviços não melhoraram? Falhas no processo de privatização e tarifas comprimidas e irrealistas do passado.

As idéias mudaram e mudarão a História. Se as ideologias são a dogmatização das idéias a ausência de idéias significa o “fim da História”. As grandes mudanças no destino das nações se basearam em idéias e até em ideologias. Foi uma revolução na forma de pensar que criou e perpetuou a civilização grega. Uma nova idéia sobre forma de governo e do papel do estado criou o Império Romano. A idéia da República elevou a importância da França no mundo e fez nascer a nação, hoje hegemônica, dos EUA. O nazismo recuperou a Alemanha também gerou o maior desastre humanitário. As idéias marxistas produziram o Império Soviético. Dessas mesmas idéias e de uma reforma da ideologia surgiu a nova China.

A esperança foi o que restou ao homem quando abriu a caixa de Pandora. Outro dia um “marqueteiro”, arauto dos novos deuses, dizia que o povo vota em quem lhe traz esperança. Não queremos nem devemos voltar ao passado, ao contrário, necessitamos para o Brasil[2] uma visão de futuro: de uma nova utopia.

[1] Interessante que essas “carreiras de estado” parecem não incluir as funções relacionadas com a educação, a saúde e a segurança que foram consagradas como as funções precípuas do Estado

[2] Também a necessitamos para nossa América do Sul e quiçá para o Mundo.

Graphic Edition/Edição Gráfica:

MAK
Editoração Eletrônica

Revised/Revisado:
Sunday, 28 August 2005

5 9 1